



ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MÃE SOLTEIRA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E NA SOCIEDADE POR MEIO DO GRUPO FOCAL

SANTOS, Ketlin Cristine de Mattos dos

Resumo

Esta pesquisa, que é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, busca analisar como a mídia por meio da sociedade pode representar a figura da mãe solteira nos dias atuais. A metodologia compreende em uma pesquisa *online* com 120 mães evidenciando suas relações com os meios de comunicação, além da realização de um grupo focal com seis mães solteiras buscando analisar mais a fundo o que elas pensam nessa temática, além de suas relações com os ex-parceiros, família e sociedade. O presente estudo discute também conceitos importantes como as mães solteiras no Brasil, bem como a ausência paterna e a família monoparental feminina. Por meio desta pesquisa, buscar-se-á viabilizar um livro-reportagem sobre a história de vida dessas mães.

Palavras-chave: Jornalismo; meios de comunicação; mãe solteira; representações sociais; estereótipos.

Abstract

This research, which is a cut of the Journalism Course Completion Work, seeks to analyze how the media through society can represent the single mother figure in the present day. The methodology includes an online survey of 120 mothers showing their relationship with the media, as well as the realization of a focus group with six single mothers seeking to analyze more deeply what they think about this subject, in addition to their relations with ex- partners, family and society. The present study also discusses important concepts such as single mothers in Brazil, as well as paternal absence and the single-parent female family. Through this research, it will be possible to make feasible a book-report on the life history of these mothers.

Keywords: Journalism; media; single mother; social representations; stereotypes.

INTRODUÇÃO

O Brasil ganhou 1,1 milhão de famílias formadas por mães solteiras em um período de 10 anos. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2005, o país possuía 10,5 milhões de famílias compostas por mulheres sem cônjuge e com filhos. Em 2015, os dados apontam para 11,6 milhões de mães solteiras. Considerando apenas as famílias com filhos, o percentual de mães solteiras aumentou de 25,8% para 26,8%, e esse tipo de formato pode ser tanto um indicador de maior independência feminina quanto de maior vulnerabilidade destas mães e destas crianças.

Por isso, a proposta deste estudo, que é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, é de investigar como as mães solteiras se veem representadas pelos meios de comunicação, além de suas relações diante de preconceitos e estereótipos estabelecidos pela mídia e pela sociedade. O estudo será realizado por meio de uma pesquisa *online* e um grupo focal, necessário para estreitar um contato inserindo-se no universo investigado e verificar como as representações da mãe solteira se consolidam entre estas mulheres.

Além disso, a discussão sobre conceitos importantes como as mães solteiras no Brasil, a ausência paterna e a formulação da família monoparental feminina são relevantes para compreender os resultados alcançados com as pesquisas. Por meio deste estudo, buscar-se-á viabilizar um livro-reportagem sobre a história de vida dessas mães.

MATERIAL E MÉTODO¹

A mãe solteira no Brasil

A mulher vem desenvolvendo diferentes papeis e quebrando tabus ao longo da história da humanidade. No entanto, por mais que venha buscando e

¹ O tópico “Material e Método” são oriundos de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo intitulado de: Quando me vi só: Livro-Reportagem com relatos sobre a maternidade *so/o*.

conquistando igualar as responsabilidades com os homens, há um fator único e biológico competente à mulher: a maternidade. Junto com o de processo de modernização da sociedade, a mãe solteira também vem em crescente populacional. Segundo dados do Instituto Data Popular em 2015, o Brasil possui aproximadamente 67 milhões de mães e dessas, 20 milhões são solteiras. No Paraná, as mães solteiras representam 13,2% dos arranjos familiares, conforme apontam dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A formação de uma mãe solteira ou mãe *so/o*² pode ser dada por diversos fatores, entre eles podendo ser uma simples opção (Szapiro; Ferescarneriro, 2002), mas também podendo ocorrer por gravidez indesejada (Zapiain, 1996). Essas duas situações podem ser entendidas da seguinte forma: para primeira pode-se considerar que há um processo de escolha, no qual a mulher opta pela reprodução independente excluindo a figura paterna da vivência da criança. Já para a segunda condição, o processo é diferente, a mulher fica solteira pela forma como aconteceu a gravidez, seja ela: não planejada, com descuidos nas relações sexuais, sem o uso de contraceptivos, entre outros. Além disso, existe a condição de quando, por alguma fatalidade, o marido falece.

Leite (1997) explica que as famílias de mães solteiras foram reconhecidas no final do século XIX. Antigamente no Brasil, as mães solteiras ainda eram muito oprimidas pela opinião pública e marginalizadas pela legislação familiar, por meio da classificação de seus filhos/as (legítimos e ilegítimos). Amorin (1992) apontou que ser solteira seria visto como uma situação problemática na sociedade brasileira, já que havia uma tendência ainda em ver o casamento como o real destino feminino. Lagenest (1990) também ressaltou que a expressão “mãe solteira” teria uma conotação pejorativa, pois remeteria à violação de valores morais e religiosos.

Estudos brasileiros realizados com mães solteiras indicam que, de modo geral, a gravidez dessas mulheres ocorre de forma não planejada e

² A palavra *so/o* vem do adjetivo da língua espanhola “sozinho”. **Dicionário Espanhol/Português**. Disponível em: <<http://pt.bab.la/dicionario/portugues-espanhol/solo>> Acesso em: 25/08/2017.

segue sem o apoio do pai da criança. O estudo de Souza (2002), por exemplo, investigou a história e a vivência de mães solteiras de classes populares brasileiras, ela constatou que em seus depoimentos temas referentes à desumanização, preconceito, estigma, solidão, humilhação, pobreza e desamparo, apontavam para uma vivência negativa da maternidade.

Ausência Paterna

Uma mãe torna-se solteira a partir do momento em que há a ausência da presença do pai no dia a dia de um filho. Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011, há aproximadamente 5,5 milhões de crianças sem o registro do pai na certidão de nascimento. Em muitos casos, sua ausência na vida dos filhos é parcial ou total, mesmo quando há o registro do nome do pai. Conforme discute Bandeira (2009):

Analisar a situação da deserção da paternidade oriunda do não reconhecimento da/o filha/o com negação do estabelecimento de filiação no registro civil de nascimento significa embrenhar-se no Brasil profundo, do século XVIII, com raízes trazidas desde o período colonial, quando já se encontram relatos e registros de não reconhecimento de crianças por seus genitores masculinos, que rejeitavam filhas/os. Alguns porque eram fruto de relações extraconjugais, portanto, consideradas crianças espúrias, bastardas, filhas ilegítimas, deixadas às mulheres criadeiras. As mães eram mulheres modestas, pobres, negras, condenadas moralmente por serem solteiras (*Id*, p. 17).

Segundo Oliveira (2015), crianças sem o nome do pai no registro hoje fazem parte desse contexto reconfigurado da sociedade. Em alguns casos as mulheres optam pela maternidade e criação dos filhos sem a presença paterna nos aspectos legais e jurídicos. Mas há também inúmeras mulheres que, por uma maternidade indesejada ou ocasional, acabam também nessa situação.

Entende-se que a ausência paterna no espaço doméstico é uma característica da figura masculina, que pelos seus papéis na história da família teve que estar por muitas vezes longe do lar, por consequências de: buscas por alimentos, guerras, empregos em outras regiões, entre outros. Essas situações fizeram com que os homens estivessem afastados por horas, dias,

meses, anos e até uma vida longe de casa e consequentemente, afastado do filho (a). Portanto, segundo Scavone (2001), nos aspectos sociais e construtivos, no modelo tradicional de paternidade, há uma certa tendência para esse fenômeno.

Nesse sentido, a ausência do pai necessariamente remete a várias possibilidades para discussão, pois configurou-se em diversos cenários e nos mais variados tempos. As responsabilidades parentais foram historicamente marcadas por um vazio afetivo. Na atualidade, mesmo que aos poucos a participação do pai na educação dos filhos comece a aparecer, ainda cabe às mães a maior parcela de responsabilidade por aquilo que acontece com o filho.

Família Monoparental Feminina

Existem diversos fatores que dificultaram a conservação do modelo de família tradicional, entre eles estão a intensificação da pobreza; a entrada da mulher no mercado de trabalho; os laços familiares afrouxados pela instabilidade conjugal; institucionalização do divórcio em 1977, entre outros. As famílias de mães solteiras são chefiadas apenas por mulheres e podem ser denominadas de famílias monoparentais. Para explicar a relação de família monoparental, o Artigo 226, § 4º da Constituição Federal de 1988 dispõe que, “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”.

Conforme explica Santos e Santos (2009, p. 28), “o fator determinante desta família não é o casamento e sim, na sua maioria a ruptura deste, seguido dos outros fatores determinantes, como a união livre e as mães solteiras”. Sobre essa questão, os autores ainda falam do preconceito que esse modelo sofre.

Todos estes elementos diferenciadores dos moldes clássicos geram a marginalização social deste grupo familiar. Esta, ainda, vem acompanhada da associação ao fracasso pessoal, à precariedade e a inconsequência juvenil. Os membros dessa família são atingidos em todos os ambientes pelo preconceito. Os genitores, principalmente a mulher, enfrentam esse problema no meio social ou no campo profissional. Já os filhos, sofrem no ambiente escolar, entre os amigos etc (*Id*, p. 28).

Entende-se que o sexo, o casamento e a reprodução deixaram de ser os principais apoios para sustentar a base de uma família. Portanto é cada vez mais comum os diversos arranjos familiares: uniparentais, monoparentais, desconstruídos, reconstituídos etc. Em nossa sociedade, inúmeras mulheres vêm se tornando as chefes de família e esse fato estabelece mudanças de perspectiva no que diz respeito às dinâmicas familiares, bem como em relação às suas implicações na construção da pessoa.

Segundo dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 40% dos lares brasileiros têm como chefe de família as mulheres, sem marido ou companheiro. Há, portanto, uma necessidade de compreender como essas mulheres chegaram a essa formação criando um novo núcleo familiar, chamado de família monoparental feminina. Suas histórias de vida apresentadas num cenário de dificuldades e desafios, tornam-se relevantes para a sociedade compreender os passos que se deram a emancipação feminina.

O estudo de Ferrari (2001) examinou as implicações da ausência paterna nas expectativas e nos sentimentos sobre a maternidade de mães solteiras e casadas. Constatou-se que a experiência da maternidade foi mais sofrida para as mães solteiras, que relataram em suas entrevistas sentimento de tristeza, ansiedade e revolta. Portanto, é possível questionar-se como as mães solteiras veem suas representações na mídia, visto que esse meio é um dos canais de influência sobre a sociedade.

METODOLOGIA³

Para entender como as mães solteiras são retratadas e representadas no meio de comunicação, foi desenvolvido um questionário online, importante para a compreensão de suas opiniões a respeito de sua representatividade na mídia. A pesquisa foi feita com perguntas abertas⁴ e fechadas⁵ e ficou

³ Os tópicos “Metodologia”; “Resultados da pesquisa *online*” e “Resultados do grupo focal” são oriundos de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo intitulado de: Quando me vi só: Livro-Reportagem com relatos sobre a maternidade *solo*.

⁴ “Cada pesquisado pode responder livremente às perguntas. ” Disponível em: <<https://goo.gl/x7MfET>> Acesso em: 19/08/2017.

disponível na *internet* por cinco dias, no período de 28 de fevereiro de 2017 a 05 de março de 2017. A divulgação foi feita por meio de um texto publicado em grupos maternos. Ao todo foram 120 mães solteiras nas mais variadas situações que responderam o questionário.

Os métodos de pesquisa quantitativa, de modo geral, são utilizados quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes etc. de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada (Manzato; Santos, 2012, p.7).

Além pesquisa desenvolvida no meio *online*, percebeu-se a necessidade de um contato mais próximo com o tema em foco, isto é, da inserção na realidade das mães *solo*. Por isso, optou-se pelo desenvolvimento de um grupo focal com mães solteiras nas mais diversas situações. O desenvolvimento da técnica de grupo focal foi importante para a pesquisa pois ajudou a pesquisadora a compreender, na prática, as representações sociais das mães solteiras e permitiu avaliar as formas de abordagem às mães *solo*.

Segundo Zimmermann e Martins (2008), os grupos focais fazem parte de uma técnica qualitativa flexível e dinâmica, que tem o objetivo de discutir e avaliar o tema proposto, envolvendo um grupo durante uma reunião. As autoras defendem que esse tipo de método, além de estar cada vez mais presente nas abordagens qualitativas em pesquisa social, também é interessante por criar um ambiente mais livre para os entrevistados, levando a uma participação mais efetiva.

O encontro aconteceu com seis mães solteiras e foi realizado no dia 06 de maio de 2017, às 14h em uma residência localizada no bairro Capão Raso, em Curitiba. Foi buscado perfis diferenciados para que as mães *solo* selecionadas representassem um cenário intenso e diversificado. O contato com as mães solteiras selecionadas para participar do grupo focal foi único e

⁵ “O pesquisador define as alternativas que podem ser apontadas pelo pesquisado, que deve assinalar aquela (s) que mais se ajusta (m) às suas características, ideias ou sentimentos.” Disponível em: <<https://goo.gl/cMj8Da>> Acesso em: 19/08/2017.

durou cerca de 1h30. Sendo assim, cinco mães participantes consentiram terem seus nomes divulgados, exceto uma. Participaram então:

1) “Miucha”, 50 anos; 2) Lilian Oliveira, 42 anos; 3) Rita de Cássia, 57 anos; 4) Sabrina Silva, 37 anos; 5) Luciane Cioneski, 51 anos; 6) Vera Veronica Nadalin, 74 anos.

RESULTADOS DA PESQUISA ONLINE

A média de idade das mães que responderam o questionário está entre 19 e 35 anos. Referente a faixa de renda, a maioria recebe até um salário mínimo, totalizando em 45 respostas e somente 12 recebem mais de quatro salários mínimos.

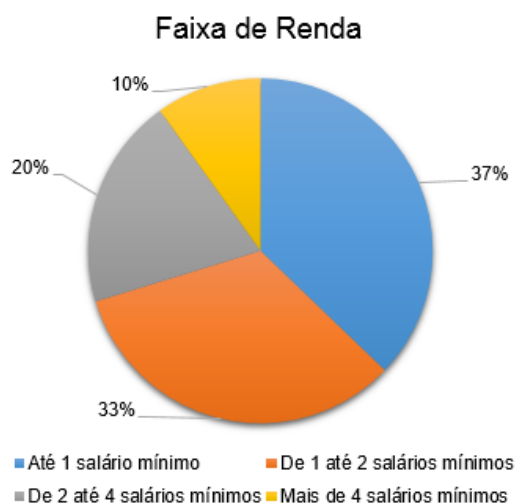


Figura 1 – gráfico demonstrativo da faixa de renda.

Foi notado também que em sua maioria a maternidade *solo* é decorrente de separação com 75 casos, seguindo de gravidez não planejada em 42 situações, já a produção independente ocorreu em três casos e com o falecimento do parceiro com um caso.



Figura 2 – gráfico demonstrativo do motivo que levou a ser mãe solteira.

Após compreender as condições em que as mães solteiras se enquadram, foram feitas perguntas em relação ao meio em que elas buscam para se informar sobre a maternidade, 92 responderam consultar as mídias *online*, tais como *sites*, *blogs* e redes sociais. Outras 24 utilizam os meios impressos, como jornais, revistas e livros e apenas cinco não utilizam nenhum recurso para manterem-se informadas. 71 (58,8%) entrevistadas disseram sentir falta de assuntos referentes ao tema ‘maternidade *solo*’. Questionadas sobre quais assuntos gostariam de ler, foi possível selecionar alguns temas, como: maternidade real, superação, a falta paterna e os desafios encontrados quando é assumida uma maternidade *solo*.

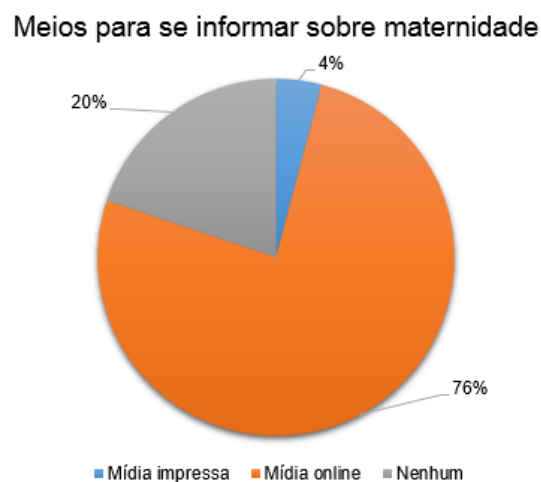


Figura 3 – gráfico demonstrativo sobre os meios utilizados para se informar

Além disso, foi feita uma pergunta aberta em que elas pudessem responder livremente em apenas uma palavra o que significava ser mãe solteira. Foram inúmeras as respostas, as que tiveram números mais expressivos aparecem no gráfico, no entanto, palavras como: solidão, renúncia, culpa, sofrido e desgastante apareceram em menores menções, mas não podem ser deixadas de lado, pois todas carregam com si um teor pejorativo.

Descrever em uma palavra o que significa ser mãe solteira

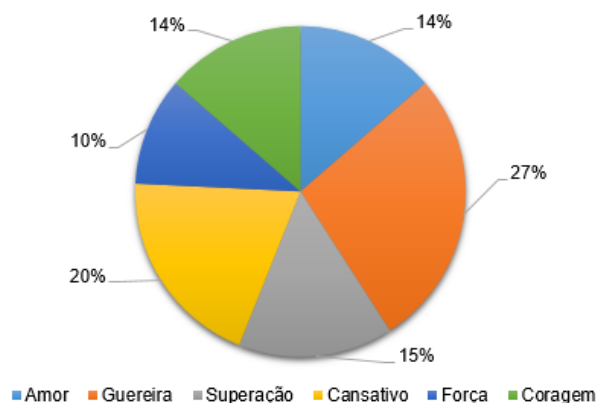


Figura 4 – gráfico demonstrativo sobre as palavras que referem a maternidade *so/o*.

Com a aplicação do questionário *online* divulgado nas redes sociais – meio esse em que as mães estão em sua maioria inseridas – a pesquisa auxiliou na compreensão e na análise do público-alvo que o livro-reportagem irá ter como foco, além de detectar que os meios de comunicação não produzem temáticas voltadas às mães *so/o*, o que pode gerar desconforto e o sentimento de exclusão entre as mesmas.

RESULTADOS DO GRUPO FOCAL

Diversas situações vividas foram apresentadas pelas entrevistadas, entre elas não poder batizar o filho pois não tinha a presença do pai ou ter receio de matricular o filho em uma escola com medo dele sofrer algum tipo de preconceito. De acordo a maioria das entrevistadas, uma das maiores dificuldades e inquietações em relação a ser mãe solteira é como os outros irão tratar seus filhos. “A minha maior preocupação era em relação a ela, diretamente sofrer algum tipo de preconceito” (Sabrina, 37 anos). Segundo

elas, o fardo de carregar o termo “solteira” acarreta também problemas em sua imagem e como as demais pessoas as veem. Durante o encontro, Sabrina relembrou um caso que viveu quando estava à procura de emprego.

(...) eu fui fazer uma entrevista de emprego e ah você é solteira? Sim, Solteira. Eu estava praticamente contratada, quem me entrevistou foi o próprio dono da empresa, ele falou bem assim: vou só passar para o RH teu currículo e falar o que nós conversamos e daí amanhã mesmo eu te dou um ok, mas pode já se desligar do seu outro emprego que está tudo certo (...) aí quando eu estava indo embora que ele foi me levar na porta e falou assim: então tá, vê tudo o que você tem para resolver. Aí eu falei assim: eu vou até alterar lá o horário que a van passa para buscar minha filha. Aí ele: mas você não é solteira? Falei: sim, sou solteira, mas eu tenho uma filha. Eu saí do escritório dele e uns 20 minutos depois ele me ligou dizendo que não tinha dado certo (Sabrina, 37 anos).

Esse problema, de acordo com elas, é pelo fato das pessoas não conhecerem a realidade e como vivem as mães solteiras, que é uma vida normal, com momentos de alegrias e tristezas. Explicam que seu papel fundamental é ser mãe, independente do *status* que carregam com si. Além disso, apesar da discriminação que já sofreram e sofrem em determinadas situações, segundo as mães, o que prevalece são os elogios que recebem. “(...) Muita gente elogia, você é uma guerreira, está pagando sua casa, teu filho é educado, é muito satisfatório” (Luciane, 51 anos). Em sua maioria, elas dizem tentar não absorver o papel de inferioridade em que lhe são impostas, como coitadas e pobres.

Os motivos apontados pelas entrevistadas sobre os termos “coitadas” e “pobres” é pelo fato da grande influência exercida pelos veículos de comunicação de massa, que em sua maioria passam a imagem de inferioridade das mães *solo*, além de ser também um dos que obtêm mais destaque nos discursos. As mães esclareceram que se mantêm informadas por meio da televisão – incluindo jornais, novelas, filmes e séries – além do meio *online* e de revistas. Todas concordaram que, o que é retratado em novelas, principalmente, é um conteúdo estereotipado. Para Luciane, 51 anos, geralmente a mulher é pobre, o que significa para elas é que nenhuma mãe solteira é rica, mas sim que são “pobres, barraqueiras e todas perdidas”.

A figura da mulher é sempre fragilizada, que é a coitada e as vezes lá no final eles mostram, ela venceu, é batalhadora. Mas assim, sempre mostram um lado muito triste, a gente passa por situações, mas todo mundo passa, não só quem é uma mãe solteira (Sabrina, 37 anos).

Ambas acreditam que toda história vivida e o sofrimento não podem ser deixados de lado, mas que é preciso mostrar a força da mulher, e nesse caso, de uma mãe que cria filhos sem a ajuda de algum companheiro. Metade das entrevistadas declarou ter crescido sob bases familiares sólidas, com pai, mãe e irmãos. A outra metade já cresceu na ausência paterna, criadas somente pela mãe.

Durante a conversa, Vera, 74 anos, declarou ser “filha de chocadeira” e que se deu conta que só era criada pela mãe aos 8 anos, na escola, “todo mundo tinha um sobrenome e eu não tinha, perguntava porque isso”. E agora, ela é que é a mãe *so/o*, criou seus dois filhos sem a ajuda de ninguém, nem mesmo da família. Das seis participantes, duas declararam que não tiveram apoio nem de sua mãe, quando revelaram que seriam mães e não teriam o companheiro junto. “Foi um Deus nos acuda, 30 anos atrás, eu me descabelava, pega meus cabelos e chorava e puxava meus cabelos, de tão nervosa” contou Rita, 57 anos, quando sua mãe queria a levar escondida para a casa de uma tia em um sítio distante.

A minha mãe, quando eu fui revelar que estava grávida, afinal fazer o que? (...) ela só olhou para mim e disse assim: eu tenho duas coisas para te falar, a primeira é que, antes uma vida do que uma morte. Mas a segunda é que foi triste escutar dela: você é a vergonha da família (Lilian, 42 anos).

Além da relação conturbada diretamente com suas mães, outras participantes tiveram que vivenciar momentos de conflito com familiares e pessoas próximas, o que, segundo elas, é uma forma de demonstrar força em uma situação difícil, sabendo lidar com pessoas próximas é mais fácil para lidar com estranhos. O que se pode perceber é que nenhuma das participantes, por mais que tenha demonstrado tristeza ao relatar sua relação com a família, sente indiferença aos mesmos. De modo geral, bem ou mal estruturada, essa

condição de ser mãe e solteira acaba sendo uma espécie de alicerce sobre o qual elas depositam as esperanças para seguir.

De início, todas tiveram boas relações com os ex companheiros, no entanto, após a separação, “forçada” ou não, as relações começam a gerar conflitos. Rita, 57 anos; Miucha, 50 anos, e Vera 74 anos, optaram por deixar seus companheiros após algumas situações. “Quando eu engravidei, ele falou em aborto e foi aí que eu não quis mais saber dele, e resolvi ter minha filha”, contou Rita, inclusive ela quem registrou sua filha sozinha, mesmo quando em determinada época ele voltou a procurá-las para realizar o registro. Miucha e Vera descobriram que os seus então companheiros tinham outras famílias e resolveram criar os filhos sozinhas.

Apesar da relação conturbada e da mágoa muito evidente, elas tentam, ao seu modo, manter uma relação amigável por causa de seus filhos. “Nós decidimos por um ponto final antes que se tornasse uma relação não saudável. Aí resolvemos ficar amigos até pelo bem-estar dela”, disse Sabrina, 37 anos, que vive com o “incômodo” da madrasta de sua filha, relação essa que já gerou muitas discussões, “me assusta muito o fato do pai ouvir e não fazer nada”. Luciane, 51 anos, se separou quando seu filho tinha 7 anos, mas segundo ela, desde quando era casada era somente ela que cuidava do filho. “Mesmo quando eu era casada ainda, era mais eu que ficava com ele (*filho*). Tinha um homem na cena, mas não tinha aquela coisa presente, então era como se eu fosse quase viúva de marido vivo”.

É possível analisar que a ausência da figura masculina é uma característica dentro do espaço doméstico. Já a mulher na condição de solteira e a configuração do abandono paterno é um processo que, se reestrutura com o passar do tempo. Os filhos sem pai no registro hoje fazem parte desse contexto reconfigurado da sociedade. Das entrevistadas, somente duas tiveram o sobrenome do ex companheiro no registro dos filhos. De acordo com as outras, o registro veio somente após a maioridade dos filhos, mas por vontade deles e não delas.

Depois de ouvir histórias e revelações tristes, todas as participantes não pensaram um segundo sequer em dizer que a maior alegria de ter a

responsabilidade de criar um filho sozinha é o reconhecimento e admiração que têm por parte dos filhos. “Assim, ela reconhece o meu esforço por ela, tudo que eu faço ela fala assim: nossa mãe, muito obrigada, se não fosse você. E isso é muito gratificante, muito bom” (Sabrina, 37 anos). Ainda Luciane, 50 anos, completa: “esse reconhecimento do meu filho para mim é tudo, isso não tem preço”.

Para elas, o fato de serem as grandes amigas e alicerces de seus filhos são grande parte desse reconhecimento, além deles estarem presentes em todas as situações que elas passaram. O fator educação e criar o filho para “não ser parecido com o pai” é outro ponto revelado. “Paguei a faculdade dele sozinha. Na formatura, o diploma ele ofereceu para mim e para minha mãe, esse orgulho eu tenho” (Miucha, 50 anos).

Quando foi questionado como elas se definiam, as palavras que surgiram foram fortes e guerreiras, o que se assemelha com a pesquisa *online* realizada. “Eu me defino forte, embora a gente seja frágil” (Lilian, 42 anos). Já Rita, 57 anos, se define como uma mulher e mãe “forte, corajosa e orgulhosa”. Além disso, se definem como exemplo para os filhos. “A gente é guerreira mesmo e teria muito mais predicados, e eu me sinto um exemplo bom para ele” (Luciane, 51 anos).

Compreende-se então que as mães solteiras enfrentam as mesmas condições em relação à ausência paterna e o tratamento pela sociedade, o que faz com elas desenvolvam uma espécie de identidade coletiva. Durante o encontro, cada vez que alguma delas se pronunciava, procurava sempre o olhar da outra, como se para ratificar a informação revelada sobre aquela realidade compartilhada e de resposta vinham lágrimas e concordâncias com a cabeça. Em todos os momentos, as participantes deram mostras de que se sentem parte de um grupo e que estão unidas pela própria causa e para defenderem seus ideais. Portanto, o jornalismo deve servir como uma ferramenta útil para traçar o olhar das pessoas e assim ajudá-las a reconstruir as representações com a experiência relatada por meio do produto midiático, o livro-reportagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa realizada, oriunda de um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, é possível analisar que a maternidade *so/o* envolve situações subjetivas que acabam não dependendo, necessariamente, da configuração da família. Existe uma série de outros fatores tanto familiares, como a ausência do paterna; sociais em relação ao nível socioeconômico; além dos emocionais incluindo a culpa, o estresse e a depressão que podem afetar a dinâmica e o funcionamento das famílias monoparentais femininas.

Assim, é possível pensar que, uma vez que as condições básicas sejam adequadas à maternidade, expectativas negativas quanto às famílias de mães solteiras torna-se estereótipos e preconceitos vindos tanto da sociedade quanto dos meios de comunicação. De qualquer modo, ser mãe solteira implica uma sobrecarga de tarefas, mas, é importante compreender que o pai não pode ser destinado a um segundo plano quando se fala em maternidade e desenvolvimento do filho.

Dessa forma, com o auxílio do que foi analisado com o grupo focal espera-se encontrar histórias que despertem o interesse da sociedade pelo assunto e que, de alguma forma, isso contribua para promover debates sobre o tema. Assim, pretende-se que o produto, um livro-reportagem, colabore com o número de obras que discorram sobre o tema proposto e que o mesmo possa ser debatido em diversos tipos diferentes de grupos sociais, sobretudo no acadêmico.

Portanto, ao desenvolver um livro-reportagem, espera-se que o leitor leia e releia as histórias, o que é uma característica própria das publicações impressas, e que as possa consultar novamente mesmo depois de muito tempo, o que é o principal aspecto de um livro, cuja vida útil é bem maior que a de um jornal, por exemplo. Pretende-se, portanto, abrir um meio comunicativo dentro do qual as pessoas possam lançar um olhar e ter um pensamento diferenciado sobre o tema em questão.

Referências

AMORIM, N. F. M. **A mulher solteira no âmbito da sociedade e da família.** In N. F. M. Amorim, *Mulher solteira: do estigma à construção de uma nova identidade.* Maceió: Edufal, 1992.

BANDEIRA, L. **Um país de filhos da mãe (prefácio).** In: THURLER, Ana Liési. *Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil.* Florianópolis: Mulheres, 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/24822>> . Acesso em: 25/08/2017.

BASSETTE, F. No Brasil, 5,5 milhões de crianças não têm pai no registro – **Estadão Brasil**, 2013. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,no-brasil-5-5-milhoes-de-criancas-nao-tem-pai-no-registro,1062741>>. Acesso em: 25/08/2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição:** República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 24/08/2017.

CONTEÚDO G1 - Famílias chefiadas por mulheres são 37,3% do total no país, aponta IBGE – **G1**, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/familias-chefiadas-por-mulheres-sao-373-do-total-no-pais-aponta-ibge.html>>. Acesso em: 25/08/2017.

FERRARI, H. (2001). **A ausência paterna e suas implicações na qualidade da interação mãe-bebê.** Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
LAGENEST, J. P. B. **Mãe solteira? E daí?** São Paulo: Paulinas, 1990

LEITE, E. O. Fatores determinantes da monoparentalidade. Famílias monoparentais: a situação jurídica de pais e mães solteiros, de pais e mães separados e dos filhos na ruptura da vida conjugal. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 1997.

MANZATO, A. J; SANTOS, A. B. **A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa.** Universidade Federal de Santa Catarina. 2012.

Disponível em: <

http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf>. Acesso em: 24/08/2017.

MELLO, D. Brasil tem mais de 20 milhões de mães solteiras, aponta pesquisa.

Agência Brasil, 2015. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/brasil-tem-mais-de-20-milhoes-de-maes-solteiras-aponta-pesquisa>>. Acesso em: 25/08/2017.

OLIVEIRA, R. S. Mães Solteiras e a Ausência do Pai: Questão histórica e novos dilemas. **Revista Elaborar** Vol. 2, ano 3, n.1, 2015. Disponível em:

<<http://periodicos.ufam.edu.br/revistaelaborar/article/view/805>>. Acesso em: 23/08/2015.

SANTOS, J. B; SANTOS M. S. C. Família Monoparental Brasileira. Brasília: **Revista Jurídica**, v. 10, 2009.

Disponível em: <http://adepar.com.br/arquivos/jonabiobarbosa_rev92.pdf>. Acesso em: 23/08/2017

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. UNESP, v. 5, n. 8, p. 47-59, 2001.

SOUZA, R. G. **Maternidade solitária: relatos de mães solteiras de classe populares**. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2002.

SZAPIRO, A; FÉRES-CARNEIRO, T. Construções do feminino após anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2002.

VELASCO, C. Em 10 anos, Brasil ganha mais de 1 milhão de famílias formadas por mães solteiras – **Conteúdo G1**, 2017. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/economia/noticia/em-10-anos-brasil-ganha-mais-de-1-milhao-de-familias-formadas-por-maes-solteiras.ghtml>>. Acesso em: 23/08/2017.

ZAPIAIN, J. G. **Gravidezes inesperadas. Por quê?** Comunicação apresentada no Seminário “O problema do aborto em Portugal: questões sociais, médicas e jurídicas”. Associação para o Planejamento da família. Évora, 1996.

ZIMMERMANN, M. H; MARTINS, P. L. O. **Grupo focal na pesquisa qualitativa**: relato de experiência. Disponível em: <
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/211_86.pdf>.
Acesso em: 25/08/2017.